

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



**A família muito pode fazer
para tornar mais alegre a vida
do deficiente**

ARTIGOS

3 SACERDOTE, LEVITA OU SAMARITANO
Joyce Rigsby

5 ELE PEDIU ISTO!
Eldred Johnston

6 A IMPORTÂNCIA DO SONO
Dr. Galen C. Bosley

11 BOA PARA NADA
Bárbara V. Chelley

15 CONTENDAS NA IGREJA
Jan G. Johnson

20 COMO ATENDER A FAMÍLIAS QUE TÊM FILHOS
DEFICIENTES FÍSICOS
Karen Sue Holford

26 TEORIA DA GRANDE EXPLOSÃO: EM FASE TERMINAL

31 O USO DE NOTAS NA PREGAÇÃO
Floyd Bresee

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Jobson Barbosa; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefé Carvalho, Adamór Pimenta.
Capa: Werner

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Sacerdote, Levita ou Samaritano?

Numa sexta-feira à tarde, pouco depois do falecimento de meu esposo Bob, encontrava-me no supermercado. Fazer compras para uma só pessoa, planejar e preparar alimentos para um só e comer sozinha, eram obstáculos difíceis de superar. Precisava comer para viver, mas não me importava de viver ou não; assim, para que comer?

As caixas de cereais pareciam-me grandes demais para mim só, quando pensava que teria de terminá-las sem ajuda. Ademais, não havia razão para acrescentar os alimentos preferidos de Bob ao carrinho de compras. Empurrava o carrinho mecanicamente pelos corredores. Parei para enxugar os olhos, e percebi que não tinha lenços *Kleenex*, de maneira que usei a manga da blusa.

Vi então um líder e ministro ordenado da igreja. Olhou-me, deu meia-volta e saiu pelo outro lado do corredor. Logo desapareceu atrás de umas prateleiras com garrafas de catchup e pepinos em conserva.

Minha solidão aumentava ao ver quão difícil era alguém aproximar-se de uma pessoa sofredora.

Levita

O tempo passou. Já conseguia sorrir — às vezes. Vestida com roupa

de sábado, ia às atividades públicas dos santos. Você está com boa aparência, disse um ministro amigo meu. Sequer mencionou a Bob, embora fosse a primeira vez que me via depois de sua morte. Tinha medo de enfrentar a morte? Não havia ninguém que estivesse disposto a compartilhar do meu sofrimento?

Ademais, não havia razão para acrescentar os alimentos preferidos de Bob ao carrinho de compras. Empurrava o cesto mecanicamente pelos corredores.

Samaritano

Seu nome era Jim. Chegou à sala do hospital para passar alguns momentos de agonia após a cirurgia de Bob. Não viera para falar. Veio para compartilhar da dor e da angústia daqueles terríveis momentos.

Viajou muitos quilômetros para estar conosco depois da cirurgia. Andou literalmente conosco pelo vale da som-

Joyce Rigsby

bra da morte. Não lembro que tenha pronunciado uma só palavra. Apenas estava ali. Sentimos o seu amor e o seu carinho.

Dez mandamentos para os consoladores

1

Tratarás cada doente como um único indivíduo.

2

Não dirás frases feitas aos parentes.

3

Não dirás aos enlutados quão bem se sentem, para evitar falar do mal que sentem.

4

Lembra-te de que deves seguir a orientação do doente.

5

Honra os doentes com a tua presença mesmo que te sintas incomodado e não saibas o que dizer. O silêncio é compreensível.

6

Não evitarás o uso apropriado do tato.

7

Não usarás o método de provas com textos bíblicos, quando o doente fizer a pergunta: Por quê?

8

Não temas derramar algumas lágrimas com os doentes.

9

Não peças aos que acabam de perder um ente querido que vá ajudar o próximo antes do tempo apropriado.

10

Não digas a uma mulher que acaba de ficar viúva, que Cristo virá logo; quando ela esteve ouvindo isto a vida inteira. O fato de que Ele venha, e de que aguardamos chegue esse dia por uma nova razão, é suficiente.

Ele Pediu Isto!

Um amigo meu costuma ajoelhar-se em oração pouco antes de pregar e pedir à igreja que se una a ele naquele ato de devoção. Durante uma reunião recente, ocorreu-lhe perguntar às pessoas pelo que oraram naquela ocasião especial. Afirmou-lhes que desejava que falassem francamente. Elas o fizeram!

— Eu orei para que o senhor não falasse demais. Tenho artrite, e depois de quinze minutos meus ossos começam a doer.

— Orei para que eu pudesse ouvir cuidadosamente e responder quando achasse que Deus estava falando comigo.

— Orei para que o senhor sentisse alguma coisa do fardo que estive carregando na semana passada e me proporcionasse alguma esperança.

— Orei para que Deus lhe desse coragem para falar contra alguns dos males do nosso mundo: guerra, pobreza, injustiça e pornografia.

— Orei para que o senhor não usasse termos teológicos difíceis, mas uma linguagem que pudéssemos entender.

— Orei para que o senhor não fosse muito dogmático; para que o senhor não insistisse em que aceitemos o seu ponto de vista, mas nos desse uma escolha de alternativas.

— Orei para que o senhor não utilizasse algumas passagens bíblicas antigas, nem de leve relacionadas com o mundo moderno.

— Orei dando graças pelo senhor e seu ministério.

— Orei para que Deus me ajudasse a ouvir com mente e coração abertos.

Meu amigo concluiu: "Não preguei um sermão naquela semana — as pessoas o fizeram. E eu necessitava dele! É muito tentador parar atrás do púlpito e imaginar-se Jeremias ou Paulo. As pessoas me lembraram de que não sou nada mais (nem menos!) do que um mensageiro de Deus com a importante missão de pregar a Sua palavra e pregá-la bem."



Eldred Johnston

A Importância do Sono

No dia 19 de fevereiro de 1985, o vôo 006 da China Airlines deixou Taipé, Formosa, para uma viagem de 11 horas até Los Angeles, na Califórnia. Nove horas e meia depois, o motor número quatro perdeu potência e a tripulação do avião começou a procurar restaurá-la. Enquanto eles estavam concentrados nessa tarefa, o capitão deixou de monitorar de maneira apropriada os seus instrumentos, e o avião mudou de direção e começou a cair verticalmente em direção ao mar. O aparelho caiu de mais de 12 mil metros, para pouco mais de dois mil metros, antes que o comandante reassumisse o controle. O avião sofreu graves danos estruturais, e dois passageiros ficaram gravemente feridos durante o incidente, que expôs a aeronave a uma força cinco vezes maior do que à da gravidade normal.

Insônia, ou horas irregulares de sono, podem ter sido um importante fator nesse incidente. O piloto perdeu o controle de seu avião durante horas, por não ter dormido direito nos últimos seis dias.

No dia 13 de abril de 1984, dois trens de carga andavam a grande velocidade um contra o outro nos mesmos trilhos. Na cabina do Burlington Extra 6714, o maquinista e outros membros da tripulação haviam pegado no sono. Os dois trens colidiram de frente perto de Wiggins, Colorado, destruindo sete vagões e matando os cinco membros da tripulação.

As investigações citaram os turnos irregulares e as decisões dos membros da tripulação de não dormir no seu período de folga, como fatores que contribuíram para o desastre.

Um questionário preenchido por 1.000 maquinistas, revelou que 11% deles admitiam cochilar na maior parte das viagens noturnas, enquanto os outros 59% admitiam ter cochilado pelo menos um período alguma vez, no trabalho. Durante o dia, os maquinistas admitiram ter cochilado na maioria das viagens, mas 23% havia feito isso no mínimo em uma viagem.

Um pesquisador do problema de dormir guiando, declarou recentemente que ocorrem mais acidentes provocados por insônia, do que pelo consumo de bebida alcoólica. Os acidentes com veículo particular, transporte aéreo, e os acidentes militares têm grande probabilidade de ocorrer à noite. Estudos de simulação de vôo têm mostrado que a habilidade dos pilotos para pilotarem um simulador pode ser prejudicada à noite, tanto quanto o seria por um nível de 0,05% de álcool no sangue.

O sono é importante — ninguém nega isso. Mas em meio de um programa ético em que há mais o que fazer do que tempo para fazê-lo, é tentador começar a pensar em hora de sono como tempo perdido. E auferir lucro com menos horas na cama, ou ficando de pé até tarde, levantando cedo e compensando o tempo perdido com cochilos de gato apressado.

Dr. Galen C. Bosley
Pesquisador associado de ciências, Departamento
de Saúde e Temperança da Associação Geral
dos Adventistas

Mas os efeitos de diminuir demais as horas de sono, logo se tornam evidentes. Os efeitos são vistos mais depressa em crianças pequenas. Todos já vimos a irritação e as brigas entre irmãos aumentarem quando as crianças não dormem o tempo suficiente em um dia agitado.

Os adultos disfarçam melhor sua irritabilidade. Não obstante, os efeitos psicológicos da privação do sono incluem aumento da irritabilidade, ira e comportamento anti-social, e o colapso dos mecanismos normais de defesa do ego. Não dormindo suficiente, as pessoas geralmente se tornam mais sérias, desatentas e carrancudas. Os desaparecimentos espontâneos e as perdas prolongadas de sono, podem levar à desorientação, à paranóia, a maior depressão do que a normal e à incapacidade para manter-se concentrado em uma atividade. A percepção também diminui, como o fazem as habilidades cognitivas de raciocinar, e a capacidade de psicomotora.

A perda de sono também afeta capacidades físicas tais como a habilidade de realizar movimentos delicados da mão e concentrar os olhos. Leva ao aumento de sensibilidade à dor, à redução do tono e esforço muscular, ao aumento do tempo de reação e à maior dificuldade em manter a boa postura. Se a privação do sono continuar por muito tempo, o resultado é a morte. Estudos feitos em ratos mostraram que, quando a temperatura do corpo começa a cair de maneira dramática por causa da perda de sono, ocorre a morte em poucos dias, mesmo que seja permitido aos animais voltarem a dormir.

Pesquisas recentes sobre o sono indicam que não é apenas a quantidade de horas que se dorme, mas a regularidade das horas de sono e a duração do período deste, que permitem que se

recebam os benefícios necessários do sono.

Que acontece quando você dorme

Dormir não é de maneira alguma um consumo passivo de tempo. O tempo de sono divide-se em duas fases principais: Movimento Rápido do Olho (MRO) e o sono sem (MRO). O sono sem movimento é ainda subdividido nos estágios: 1, 2, 3 e 4, com números crescentes que representam sono mais profundo. Os estágios 3 e 4 são chamados sono de onda lenta (SOL) ou sono profundo. Cada uma destas divisões do sono é um processo fisiológico ativo.

O sono de MRO e o sem MRO têm, cada um, as suas próprias funções fisiológicas. Uma noite típica de sono compõe-se de quatro a seis ciclos, aproximadamente, de 90 minutos, os quais começam com o estágio 1, depois continuam para sono cada vez mais profundo, depois para sono menos profundo, para MRO, depois retorna através de séries como estas: Estágio 1, 2, 3, 4, 3, 2, MRO, 2, 3, 4, 3, 2. À medida que a noite progride, a quantidade de SOL diminui e a do MRO aumenta. Quando a manhã se aproxima, o estágio 4, e às vezes o estágio 3, são eliminados do ciclo.

Aparentemente, o sono MRO está envolvido com o processamento mental de nova informação, a transferência do material da memória de curto prazo para a de longo prazo, e de alguma forma com o controle do que se denomina comportamento motor animal motivado. Em linguagem comum, isto significa que os animais destituídos de sono MRO, revelam impulso sexual, desigualdade sexual, satisfação e procura de alimento, e menos necessidade de cuidado. O sono MRO é também importante em muitas funções do corpo, porque afeta a secreção de várias químicas do organismo, entre as quais os esteróides corticais.

A quantidade de tempo que gastamos no sono MRO diminui à medida que envelhecemos. A infância prematura pode consumir cerca de 80% do seu tempo de sono com MRO, enquanto os infantes de tempo integral estão em MRO apenas cerca de metade do tempo que passam acordados. Durante a juventude adulta, o MRO supre apenas 10 a 20 por cento do tempo de sono, e anos mais tarde isto diminui ainda mais.

O Sono de Onda Lenta (estágios 3 e 4) é importante para recuperar da fadiga, e aumenta depois da intensidade do trabalho físico. Caracteriza-se pela amplitude elevada, a lenta frequência da atividade EEG de menos de 4 ciclos por segundo, pelo repouso do tono muscular, e as lentas, regulares velocidades cardíaca e respiratória, pelo aumento do fluxo sanguíneo para os músculos, e pela constrição das artérias do cérebro. O SOL diminui também com a idade. Enquanto ele varia de 10 a 20% nos adultos jovens, pode estar de todo ausente na velhice.

Quanto é suficiente?

Todos nós já ouvimos falar de pessoas que se sentiam bem com apenas quatro ou cinco horas de sono por noite. Tais pessoas, contudo, constituem exceção e não regra. A maioria de nós necessita entre sete e nove horas de sono cada noite, e um estudo recente revelou que mesmo aqueles que achavam que haviam dormido o suficiente, eram beneficiados com meia ou uma hora de sono extra.

Um recém-nascido saudável dorme cerca de 16 horas. Esse tempo diminui para 11 horas dos 3 aos 5 anos de idade, para 10 horas aos dez anos e para 7,75 horas aos 19 anos. Este declínio parece continuar lentamente com a idade até que, ao chegarem aos sessenta ou setenta anos, as pessoas durmam

apenas de cinco a seis horas por noite. As pessoas idosas costumam acordar-se com mais frequência, e por períodos mais longos, do que os adultos jovens.

Estudos têm revelado que a média norte-americana e européia de sono é de sete a oito horas por noite. Um estudo recente de doze países europeus e os Estados Unidos, mostrou que 25,3% dos homens e 29,1% das mulheres dormiam menos de sete horas por noite, enquanto 14,6% dos homens e 13,7% das mulheres dormiam mais de nove horas. A maioria das pessoas dorme mais nos fins-de-semana, o que indica que elas se estão privando da necessidade de dormir durante o trabalho da semana.

Talvez a melhor maneira de determinar quanto tempo de sono lhe é suficiente, é ir para a cama cedo, a fim de despertar naturalmente, sem o despertador. Permitir que o seu próprio organismo determine de quantas horas de sono você necessita, pode ajudá-lo a evitar a privação crônica do sono que prevalece nas nações industrializadas.

Como aumentar o sono

Os fatos a respeito do sono podem ser interessantes, mas o que mais interessa à maioria de nós é saber como ter uma boa noite de repouso. Se você sofre de insônia, talvez necessite de ir a um dos departamentos recentemente instalados em várias universidades. Alguns problemas só podem ser diagnosticados mediante testes precisos. Num artigo publicado recentemente na *Post Magazine* de Washington, o autor fala de sua luta de 20 anos com vigílias noturnas. Ele tentou todas as espécies de remédios conhecidos e curas milagrosas, mas continuou a despertar várias vezes todas as noites e a ser incapaz de voltar a dormir durante horas a fio.

Só depois de ser preso por um apa-

relho que lhe controlava as ondas cerebrais e tensão muscular durante toda a noite, ele ficou sabendo que o que o despertava várias vezes durante a noite eram as contrações das pernas. Os médicos do centro de pesquisas prescreveram medicação que aliviava as contrações, e ele conseguiu dormir mais daí em diante.

Para a maioria de nós, porém, conseguir dormir melhor pode ser simplesmente uma questão de eliminar um hábito que perturba o nosso sono, ou desenvolver uma prática que possa aumentar o sono.

Entre as coisas que podem dificultar o bom sono estão o álcool e outras drogas, falta de exercício e tipos de hábito.

A ligação do álcool com o sono é, de modo particular, significativa. Enquanto o álcool pode contribuir para deixar a pessoa sem sono, ele diminui a qualidade do sono. Interrompe os ciclos dos estágios do sono e dificulta o sono MRO. Mesmo níveis moderados de exposição alcoólica pré-natal, podem levar a distúrbios dos ciclos do sono em recém-nascidos. E crianças nascidas de pais alcoólatras, experimentam inibição do sono MRO. A verdadeira tragédia em tudo isto é que este problema pode contribuir para que eles próprios se tornem alcoólatras. Comprovou-se que a privação do sono MRO de filhotes de rato, aumenta-lhes o consumo de álcool quando adultos.

Drogas como as anti-histaminas, os anti-hipertensivos e quase todas as drogas psicotrópicas, entre as quais a maconha, afetam o sono, aumentando a insônia e interrompendo os estágios do sono. A maconha, em bebês expostos antes do nascimento, interfere no ciclo do sono, reduz o SOL, aumenta os movimentos do organismo e reduz os sinais característicos do sono MRO, sem levar em conta o trimestre de exposição.

O fumar é outro fator ligado com a dificuldade do sono. Os fumantes levam muito mais tempo para dormir, e ficam acordados por períodos muito mais longos depois de acordarem, do que os não fumantes. Além da latência

do aumento do início do sono e dos despertamentos mais freqüentes, os fumantes parecem também ter menos sono do que os não fumantes, e ter três vezes mais pesadelos e sonhos.

Muitas pessoas contam que se sentiram cansadas e sonolentas por vários dias, logo após deixarem de fumar. Felizmente, essa sonolência não as afeta só durante o dia, mas continua em suas horas regulares de sono. O abrupto abandono do cigarro, diminui em 45% o tempo de insônia nas três primeiras noites de abstinência. Este ganho vem em parte pelo fato de dormir mais e, em parte, pela diminuição dos episódios de vigília durante a noite.

Hábitos que aumentam o sono

As duas coisas mais importantes que você pode fazer para melhorar o seu sono são formar o hábito de fazer bastante exercício, e ter um horário regular para dormir, sempre que possível.

Estudos têm mostrado que o exercício diminui o tempo requerido para o SOL, e que fisicamente habilita mais os indivíduos a obterem SOL do que incapacita. Como na maioria das coisas, a moderação é o segredo, nessa questão. Se você não está acostumado a fazer muito exercício, comece com exercícios leves e prossiga pouco a pouco para exercícios mais cansativos até seu nível de aptidão aumentar. Os exercícios extenuantes podem realmente levar quem não está acostumado a ter perturbações do sono, e o exercício exaustivo pode produzir o mesmo resultado, mesmo para os que estão fisicamente preparados. Qualquer exercício praticado antes de dormir deve ser de leve a moderado, pois o exercício pesado tende a excitar o sistema nervoso central e a causar distúrbios do sono.

Exercício tarde da noite pode também elevar seu coeficiente metabólico e mantê-lo acordado. Uma vez que o so-

no faz baixar a temperatura do organismo, a demora na diminuição da temperatura do seu corpo pode mantê-lo acordado por mais tempo. Naturalmente, o mesmo problema pode resultar de se procurar dormir em um quarto muito quente.

Um horário regular de ir para a cama e para levantar-se, pode ajudá-lo também a ter uma maior e melhor qualidade de sono. Num estudo de um grupo de adolescentes que sofriam de distúrbios moderados do sono, tudo quanto foi preciso fazerem para superar seus problemas foi estabelecerem um horário rigoroso para deitar-se e levantar-se durante os dias da semana e no fim desta.

E a regularidade do sono traz mais benefícios do que simplesmente dormir melhor. Manter um círculo estável de vigília e sono é também necessário para alcançar níveis adequados de desempenho da boa disposição e do comportamento subjetivo. Entre os alunos de colégio, a regularidade nas horas de deitar-se e levantar-se é, antes, a regra do que a exceção. Mas aqueles que seguem um horário regular de sono, mostram maior potencial de realização, de eficiência intelectual, de domínio próprio e de sociabilidade. Estudos com marinheiros produziram resultados similares. Os que dormiam bem, ultrapassaram os que dormiam pouco, no cumprimento dos deveres; e tiveram probabilidade de ser promovidos mais rapidamente.

As três sugestões que seguem, para melhorar o sono, envolvem o que se faz imediatamente antes e depois de ir deitar-se. Se você gosta de ler antes de deitar-se, leia assuntos leves; de preferência, algo que não se relacione com o seu trabalho. Não assista a televisão perto da hora de dormir, pois a excitação e a tensão geradas podem tornar difícil o sono. E se, depois de estar na cama, você acha difícil conciliar o sono, não continue aí, frustrado, nem

mais um minuto. Levante-se e leia alguma coisa repousante. Continuar na cama, lutando para conciliar o sono, pode tornar-se um hábito, que dificultará adormecer nas noites seguintes.

Não importa o que você fizer, é importante que faça o melhor que puder para resolver quaisquer problemas que possa ter, dormindo bastante. Um estudo recente, feito pelos Institutos Nacionais da Saúde Mental revelou que os problemas não resolvidos do sono estão grandemente relacionados com o surgimento das depressões graves.

“Quando te deitares, não temerás; deitar-te-ás e o teu sono será suave” (Prov. 3:24), é uma das mais preciosas promessas da Bíblia. Uma boa noite de sono pode ajudar a fornecer-lhe a energia de que você necessita para enfrentar até mesmo os maiores desafios do dia.

Soldata, C. R., J. D. Kales, M. B. Scharf, E. O. Bixler, e A. Kales, “Cigarette Smoking Associated with Sleep Difficulty”. *Science*, 1 de fevereiro de 1980, págs. 551-553.

Vuri, I., N. Urponen, J. Hasan, and M. Partinen, “Epidemiology of Exercise Effect on Sleep”. *Acta Physiol Scand.*, 1989, Suplemento 574, págs. 3-7.

Bale P., and M. White, “The Effects of Smoking on the Health and Sleep of Sportswomen”, *British Journal of Sports Medicine*, setembro de 1982, págs. 149-153.

Webb, W. B., “Age-Related Changes in Sleep Clinics”, *Geriatric Medicine*, maio de 1989, págs. 275-287.

Scher, M. S., G. A. Richardson, P. A. Coble, N. L. Day, and D. S. Stoffer, “The Effects of Prenatal Alcohol and Marijuana Exposure: Disturbances in Neonatal Sleep Cycling and Arousal”, *Pediatric Research*, 24 de julho de 1988, págs. 101-105.

Palca, J., “Sleep Researchers Awake to Possibilities”, *Science*, 28 de julho de 1989, págs. 351 e 352.

Webb, W. S., “Sleep in Industrial Settings In the Northern Hemisphere” *Psychological Reports*, outubro de 1985, págs. 591-598.

Bixler, E. O. and N. Bela-Bueno, “Normal Sleep: Patterns and Mechanisms”, *Seminars and Neurology*, setembro de 1987, págs. 227-235.

Lauber, J. K. and P. J. Cayten, “Sleepiness, Circadian Dysrhythmia, and Fatigue in Transportation System Accidents”, *Sleep*, dezembro de 1988, págs. 503-512.

Hauri, P. “What Can Insomniacs Teach Us About The Functions of Sleep?” *The Functions of Sleep*, Renee Droker-Colin, M. Shkurovich, and M. B. Sternam eds. (Nova Torque: Academic Press, 1979), págs. 251-271.

Boa Para Nada

As vezes tenho sorrído sozinho ao pensar na velha história de uma esposa de pastor a quem se ouvia dizer: “Meu marido é pago para ser bom. Mas quanto a mim, não sou boa para nada!”

Meu preparo para ser esposa de pastor começou cedo. Quando criança, visitei a casa da esposa do pastor com minha família. A esposa do pastor deu uma maçã a mim e outra a minha irmã.

Estávamos indo sentar-nos sobre o imaculado sofá, quando surgiu um problema. Ambas pegamos simultaneamente nossa maçã. Para duas meninas migrantes tímidas como nós, aquilo continha o potencial para uma catástrofe maior.

Sub-repticiamente, minha irmã devorou a sua maçã voltada para o lado da almofada. Eu, porém, estava por demais ocupada, olhando firmemente para a pasta revoltante em que minha maçã se tornara, para notar seu engenhoso artifício. Eu supunha que ela a houvesse comido.

Para evitar constrangimento, empurrei estoicamente na boca a minha maçã. Foi tão desagradável quanto uma lixa, quando a forcei goela abaixo. Mal imaginara que um dia viesse a ser esposa de pastor, e que haveria de dar maçãs para que outras meninazinhas as comessem em minha casa. Não me preocupo; sempre providencio métodos apropriados de solução.

Depois de dezesseis anos no ministério, penso no respeito que eu tinha pela esposa do pastor. Esse respeito ia aos limites da reverência. Ela sempre se mostrava agradável, serena, calma

e equilibrada — algo que raramente consigo ser.

Se você me perguntasse o que eu esperava da obra ministerial quando nos esforçávamos durante os anos de colégio, eu lhe forneceria todas as fáceis e oportunas respostas que ouvia nas reuniões de esposas de estudantes. Ou citaria pensamentos dos únicos três livros que se achavam disponíveis sobre o assunto, na ocasião.

Minhas expectativas com relação ao que se pretendia da esposa do pastor não eram só ingênuas, mas realmente arriscadas. Acontecimentos posteriores, porém, modificaram grandemente minha concepção. Aprendi a observar e ouvir, e a viver do bom senso e muita oração.

Que Deus suportasse esta humilde e desajeitada mulher, sem levantar as mãos com horror, é um notável testemunho de Sua infinita paciência.

Muitas vezes mereci ouvir de novo as palavras: “Não, não, você entendeu errado *outra vez*, Bárbara.” Ao invés disso, porém, Ele apenas sorria diante dos meus muitos erros. Quando, finalmente, resolvi ouvir primeiro e agir depois, Deus me mostrou que há caminhos menos penosos para fazermos Sua vontade.

Interessei-me por tudo e por todos, durante os nossos primeiros anos. Se a organista não aparecia, eu a animava a fazer o seu trabalho. Se a sua frequência se tornava irregular e eu ouvia dizer que ela estava visitando outras igrejas, não me sentia culpada.

Eu continuava orando, sendo útil, tornando o assunto “cristão”; sem pensar em quanto ela realmente estava ne-

Bárbara V. Shelley
Conselheira familiar na Austrália
e esposa de pastor

cessitada. Depois de alguns meses, fiquei desconfiada e comecei a imaginar se ela não se estaria sentindo desnecessária.

Uma observação casual, certo dia, mostrou que ela realmente se sentia inferiorizada. Descobri que outros também estavam com muito medo da minha capacidade de substituir alguém em questão de minutos. Lembrei-me imediatamente disto. De repente, senti-me incapacitada para tocar. Não é preciso dizer que jamais ficamos sem uma organista.

Aprendi uma valiosa lição sobre as pessoas e sobre a importância de interessar-me por seus sentimentos. Aprendi também a conferir todas as opções — a descobrir os talentos dos outros e motivá-los a usarem estes talentos. Em lugar da Sra. Sabe-Tudo, aprendi a ser a Sra. Motivadora. Nesse processo, descobri uma grande quantidade de talentos sem uso. As pessoas estão esperando ser descobertas e convidadas da maneira certa.

Entretenimentos

Meu aprendizado continuou. Por exemplo, tive de aprender a não tomar parte em um entretenimento que alguns membros experientes da igreja praticavam com grande habilidade. O passatempo era chamado de “onde fica o texto”.

Eu tinha muita facilidade para praticar este tipo de brincadeira. Em minha adolescência, eu fora a campeã de verso áureo na igreja — principalmente porque o único dinheiro que recebíamos em casa era pelos textos que recitávamos sem erro. Assim sendo, eu me achava realmente capacitada a participar daquela brincadeira — por horas a fio — com habilidosos manejadores na outra extremidade da linha.

A cada resposta dada, eu via aumentar a minha importância, até que despertei para o que estava acontecendo.

Muitas vezes, quando até o telefone era desligado sem uma palavra de agradecimento, eu ficava grandemente perturbada e imaginando o que de fato estava acontecendo.

Iludindo-me, eu imaginava que aquilo fazia parte da minha espécie de ocupação. Em tempo, contudo, descobri que aquelas pessoas estavam praticando uma antiga forma de “Pesquisa Trivial” da Bíblia.

Aquela foi a minha segunda lição proveitosa. Se eu respondesse a cada pergunta, as pessoas seriam impedidas de sentar-se aos pés de Jesus e ouvi-Lo, quando Ele lhes revelasse Sua palavra. Deus me ensinou a incentivar as pessoas a estudarem por si mesmas. A descobrirem os tesouros escondidos, quando o Espírito Santo lhes abrisse o entendimento. Já não necessitava que pensassem a meu respeito como sendo a Sra. Sabe-Tudo. Agora eu sorria quando me ouvia dizendo: “O que VOCÊ acha?”

Trabalhando demais

Sou uma pessoa ativa, de maneira que a vida começou a ser muito exaustiva para mim. Divertir os filhos, uma ocupação de tempo integral e ser esposa de pastor eram às vezes demais.

Quando estivemos longe do nosso país durante seis anos, com frequência recebíamos visitantes do estrangeiro. Hospedávamos os amigos, a família e os visitantes da Divisão e da Associação em nossa casa; nunca me passou pela cabeça pedir-lhes que fossem para um hotel. Como se vê, aquilo não se harmonizava com a imagem que eu tinha da perfeita esposa de pastor.

Quando não tínhamos hóspedes, levávamos pessoas para casa aos sábados, a fim de conhecê-las e mostrar hospitalidade. Vez por outra, eu ficava intrigada com o fato de alguém não retribuir o convite.

Experimentei períodos de solidão e

depressão. Meu senso de insuficiência aumentava quando eu procurava estar em toda parte ao mesmo tempo. Intimamente eu sabia que era impossível agradar a todos; mesmo assim, sentia-me às vezes magoada quando ouvia comentários desfavoráveis.

Certo dia, porém, notei quão cansada e desgastada me achava. Ao procurar ser “tudo para todos”, estava consumindo-me rapidamente. Percebi então que chegara o momento de reavaliar as prioridades. Embora tivesse levado algum tempo para que eu deixasse de cuidar das necessidades de *todos*, aprendi finalmente a dizer “Não”.

Assim, muitos dos problemas que as esposas de pastor enfrentam, fazem parte da estratégia criada pelo pai da mentira e do engano — Satanás. Ele usou meus talentos e meu ego a fim de que colocasse a mim mesma, bem como à minha família e os meus dons — tudo sobre o altar das “coisas que uma esposa de pastor deve fazer para ser aceita”. Chega! Nunca mais; obrigada! Hoje em dia, peço a orientação de Deus *antes* que eu abra meus apressados lábios.

Promovendo a comunicação

Finalmente, comecei a buscar respostas que satisfizessem minhas imensas necessidades, bem como me ajudassem a apoiar outros em suas lutas. Percebi que respostas conciliadoras como “irmã, leve isto ao Senhor”, não eram senão uma forma polida de dizer: “Não sei o que dizer-lhe”, ou “não me incomode de tomar tempo para descobrir o que está por trás do seu ressentimento”. E que estas respostas são insatisfatórias.

Em todos estes anos de ministério, meu marido e eu nos envolvemos mais e mais com o estudo da habilidade da comunicação e do relacionamento, e como usá-lo melhor na satisfação das necessidades reais das pessoas.

Gostaria de poder dizer que isto sig-

nificou um progresso natural de nosso ministério perfeito. Mas não posso. Como a maioria dos mortais, aprendemos que o caminho é penoso.

Comecei a ampliar a nossa já alentada biblioteca. Autores como Keith Miller, Cecil Osborne, C. S. Lewis, Paul Tournier, James Dobson, Tim LaHaye, Lawrence J. Crabb Júnior e John Powell começaram a encher ainda mais as prateleiras, ao lado da bem usada e estimada Bíblia e do Espírito de Profecia.

Que universo se abriu diante de mim! Agarrei-me a livros e cursos sobre comunicação, aconselhamento, análise de temperamento — tudo o que pudesse ajudar-me a entender a psique humana um pouco melhor e dessa forma, equipar-me melhor para lidar com minhas próprias necessidades e auxiliar a outros. Meu marido juntou-se a mim, sempre que pôde.

Tomei consciência de uma imediata diferença em minha vida. Incidentes que envolviam sofrimento, orgulho, dinamismo, ou mesmo a necessidade de acentuadas mudanças começaram a parecer apenas uma coisa para mim: Egoísmo!

Comecei a cavar mais fundo e descobri que a “unidade provém de uma entrega inteligente e sem reservas, que se torna um instrumento de Deus para alcançar poderosamente as necessidades pessoais dos cônjuges de maneira profunda e significativa. Ou, mais simplesmente, se o fundamento da Unidade do Espírito é a dependência mútua do Senhor para as necessidades pessoais, então o fundamento da Unidade da Alma é a entrega mútua para ministrar as necessidades pessoais uns dos outros”.¹ Bravo! Poderoso remédio! Não admira que me tivesse sentido fraca e exaurida.

Eu estivera esperando que outros cuidassem das necessidades que eram difíceis de ser satisfeitas por *qualquer* ser humano e que me faziam avançar impetuosamente.

As Escrituras confirmaram minha descoberta. “Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade” (I Pedro 5:7). Eu es-

tivera lançando os meus cuidados sobre outras pessoas, em lugar de fazê-lo sobre Deus, e esperando que elas preenchessem necessidades que somente Deus podia satisfazer.

Minha conversa com Deus se tornou mais real. A franqueza e a honestidade eram os temas de minhas orações. Palavras como "Senhor, corrige-me agora que estou aflita mais do que acho que posso suportar. Sinto-me como se estivesse gritando, fugindo, batendo em alguém! Não quero sentir-me assim, mas me sinto. Considero-me sem valor, vazia, triste e raivosa. Agradeço-Te por me amares como sou".²

Penosa mas, confiantemente, entreguei aos cuidados de Deus minhas necessidades ao delas tomar conhecimento. Uma doce paz e alegria começou a inundar-me a alma. As coisas negativas começaram a transformar-se em positivas.

Satanás não ficou muito impressionado com isso, e colocou-me no caminho algumas difíceis responsabilidades. Tão penosas eram, que às vezes me ouvia dizendo: "Senhor, há realmente vantagem em colocar em Tuas mãos os meus problemas?" Pois quanto mais eu deixava que os outros fossem eles próprios, tanto menos minhas necessidades pareciam ser satisfeitas.

Paciente e bondosamente, Deus me mantinha voltada para o alto. Fazia lembrar-me de que minhas necessidades estavam sendo satisfeitas nEle. Era verdade. Tive que aprender a conservar os olhos fitos nEle, em lugar de voltados para mim mesma.

Meus períodos de desânimo se tornaram muito mais breves, de maneira que atualmente desaparecem em poucas horas ou minutos. Isto é um milagre, quando me lembro de quão mal-humorada eu costumava ser.

Satisfeitas as minhas necessidades em Cristo, libertei-me também em outras áreas. Tornei menores minhas expectativas quanto aos outros e aprendi a deixar que estes sejam eles mesmos. Deus ajudou-me a aceitar as ou-

tras pessoas como são e a deixar as mudanças para Ele.

Em lugar de questionar a Deus quando enfrento problemas, peço-Lhe agora que me mostre o que deixei de ver com relação a *mim mesma* na ocasião. Reafirmo Sua aceitação da minha pessoa, bem como dos meus sentimentos, e Lhe peço que me mostre como lidar com o problema. Ele o faz sempre! Na ocasião em que Deus me levou a esta experiência, as demais pessoas não pareciam ser metade tão más ou cheias de motivos pecaminosos quanto eu imaginava! Esta é a liberdade experimentada por deixarmos o problema com Deus.

Para mim, isto é o que Paulo queria dizer, quando afirmou que morria diariamente. Ele escolheu morrer diariamente para o pecado e o eu, e confiar diariamente ao Senhor as suas necessidades.

Ao olhar para o passado, vejo que eu necessitava aprender que Deus pode conduzir-me através de experiências negativas. Elas me mostraram que Ele é capaz de dirigir-me a vida. Elas constituem lembretes necessários no livro de minha vida. Lembranças de minha humanidade falível e de Seu poder infalível.

Por causa das minhas experiências, outros se relacionam mais facilmente comigo agora. Melhor ainda, eu me relaciono melhor com eles. Prezo agora a qualidade de relacionamento que partilho com meus semelhantes e agradeço a Deus por mostrar-me que sou tão humana quanto eles.

E como Deus me está suprindo todas as necessidades, posso recomendá-Lo aos outros, e afirmar-lhes que Ele lhes suprirá também todas as necessidades.

Como vejo as coisas agora, no começo do meu ministério meu ego e o desejo de agradar não me fizeram boa para nada a não ser os aplausos e o louvor dos outros. Agora, porém, aprendi a não ser boa para nada e ninguém — senão Deus. E nisto tenho encontrado a verdadeira satisfação e plenitude.

Contendas na Igreja

Paulo apresenta quatro soluções para reduzir o grau dos conflitos em sua igreja — e manter o tiroteio dos membros voltado para longe de você!

O que se poderia chamar de uma guerra religiosa, irrompeu na igreja da qual eu era pastor. Tratava-se de uma controvérsia teológica, alimentada por publicações bem-intencionadas, mas incendiárias, da órbita do Adventismo. Formaram-se as fileiras, e os membros da congregação tomaram posição — cada qual vendo os que estavam do outro lado como filhos de Satanás. Quando a fumaça se dissipou, quinze membros não mais adoravam conosco.

O conflito afetou-me profundamente e ao meu ministério. Comecei a pregar os temas da unidade e da reconciliação, mas sem nenhum resultado positivo. Realizar uma comissão de igreja era como enfrentar um pelotão de fuzilamento. Aqueles que antes haviam proporcionado liderança espiritual à igreja, lutavam agora como demônios, procurando garantir sua posição de mando. Os membros envolvidos, viam cada item da agenda em termos do mais amplo conflito. Não demorou para que eu começasse a questionar o meu próprio chamado para o ministério e, confesso, às vezes pensei em vender seguro, considerado muito bom.¹

Minha experiência não é única entre os pastores adventistas. Há uma porção de forças na igreja impondo mudanças, não menos do que o estão algumas publicações independentes que

questionam a liderança administrativa e defendem amplamente pontos de vista teológicos. Membros que sustentam esta causa com ofertas e mesmo dizimos, tendem a retirar da igreja não só o seu apoio financeiro, mas também sua lealdade.² O resultado é que, enquanto esses membros podem ainda estar adorando com as congregações adventistas, eles se sentem de alguma forma indiferentes. São levados a ver a igreja e seus membros como necessitando da nova verdade que passaram a defender.

Paulo alertou a liderança da igreja de Éfeso para dificuldades semelhantes. Disse-lhe que estivessem alerta, pois “entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (Atos 20:29 e 30).

Paulo previu a espécie de ataques que a igreja experimentaria: forças exteriores que perseguiriam, e líderes religiosos de dentro da igreja, que arrastariam os discípulos para fora, mediante seus ensinamentos perversos. Em face desse quadro, Paulo aconselhou os líderes da igreja de Éfeso a atenderem por si mesmos “e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus” (Atos 20:28).

Primeiro Coríntios apresenta um

Jan G. Johnson
Pastor de igreja em Granger, em Washington

exemplo clássico do cuidado que Paulo imaginou que os líderes cristãos deviam dispensar aos seus rebanhos. Os membros da igreja de Corinto eram em grande parte conversos de Paulo. Quando, depois de fundar a igreja ali, ele saiu para novos campos missionários, vários conflitos surgiram; entre eles, facções leais a diferentes líderes (1:10-17; 3:5-23), problemas decorrentes de imoralidade (5:1-5), discrepâncias teológicas (15:1-58), e irregularidades quanto ao culto (11:2-34).

Naturalmente, essas controvérsias dividiram os membros. Mas também separaram o líder da congregação — em sua segunda epístola aos Coríntios Paulo escreve tanto de seu sofrimento pessoal como de seu retraimento da igreja (II Cor. 2:1-4).

No esforço por debelar o conflito e reunir a congregação, Paulo usou vários argumentos teológicos e éticos. A maioria dos pastores deveria fazer a mesma coisa. Paulo, porém, usou outras técnicas que também podem ser usadas para proteger nossas congregações das influências fragmentárias dos movimentos paralelos.

1. *Podemos projetar uma imagem espiritual.*

“Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.” “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (I Cor. 11:1; 2:2).

Uma acusação que guarnece o nível das publicações na liderança da igreja — pastores e administradores — é que eles não são espirituais. Minha experiência indica que acima de tudo, nossos membros desejam liderança espiritual. Pastores que conheçam a Deus e sejam por Ele conhecidos, que orem com seu povo e em favor deste, que falem com convicção a respeito do amor de Deus, que sejam capazes de dizer: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” — são os pastores que serão bem-sucedidos na oposição à influência dos movimentos periféricos.

Mas não devemos ser apenas espirituais; devemos projetar uma imagem espiritual sobre nossas congregações.

Como podemos fazer isto?

Cumpra-nos transmitir alguns elementos de nossa trajetória espiritual. Tom, um jovem pastor da costa do Oregon, caminhava desanimado pela praia. A situação grave que surgira recentemente em seu distrito ocupava-lhe de tal maneira os pensamentos que ele mal percebia a tempestade de vento que lhe rugia ao redor. Quando atingiu o promontório rochoso que indicava o fim da praia, ele parou e observou as enormes ondas que contra ele se lançavam. As ondas pareciam tão esmagadoras quanto os problemas que ele estava enfrentando.

Depois de algum tempo, Tom voltava, pretendendo fazer o caminho de volta até o seu carro. Num ímpeto, porém, resolveu escalar a formação rochosa. Quando chegou ao cimo, observou que a rebentação das ondas havia diminuído. Na verdade, a própria rebentação não parecia tão ameaçadora. A altura a que ele havia subido, deu-lhe uma nova perspectiva da rebentação e da tempestade. Deu-lhe também uma nova perspectiva do seu problema. Ajoelhando-se sobre a terra encharcada da chuva, agradeceu ao Senhor pela reconfortante idéia. A renovação que sentiu, fortaleceu-o ao retomar o seu trabalho.

No sábado seguinte, Tom começou seu sermão relatando esta experiência. Ao fazer isso, ofereceu a sua congregação um vislumbre de como andar com o Senhor.

Devemos projetar uma imagem espiritual em nossas orações. George era um dedicado pastor de uma grande igreja da cidade. Eu o conhecia como sendo um santo homem, interessado no bem-estar espiritual de sua congregação. Ele, porém, tinha o incômodo hábito de fazer orações “xerocadas” — repetir frases como “abençoa os nossos corações”, “molda-nos”, “sê com os doentes” cada semana. Por mais louváveis que sejam estes sentimentos, quão mais eficaz teria sido o seu testemunho espiritual se ele tivesse pro-

curado novas e significativas maneiras de expressá-lo!

Devemos pregar sermões espirituais. A congregação tem melhor condição de ver o caráter de seu pastor por meio de sua pregação. Nossas mensagens falam muito sobre nosso nível espiritual.

Os sermões extraídos da Palavra de Deus, agraciados com a doçura do amor de Jesus, realçados com o poder do Espírito, que revelam ao cansado viajor cristão a simplicidade da verdade, testificam com clareza da nossa espiritualidade.

2. Podemos elaborar eventos espirituais

Paulo mencionou inúmeras vezes reuniões de igreja em I Coríntios (5:4 e 5; 11:17-33; 14:23-28; 14:33 e 34), mas seu conselho com respeito à maneira de tratar de um caso de disciplina da igreja, talvez testifique melhor de sua predisposição de tornar as reuniões em eventos espirituais. Para o homem que vivia com a esposa de seu pai, sugeriu Paulo uma reunião da igreja para entregá-lo a Satanás, “para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus” (I Coríntios 5:5, grifo suprido).

Para Paulo, mesmo um caso de disciplina de igreja possuía implicações espirituais importantes. Era um acontecimento coletivo redentor; a última tentativa de levar os cristãos a recuperarem uma alma transviada.

É demais procurar fazer de cada reunião da igreja um acontecimento espiritual? É fácil verificar como os cultos de louvor, as reuniões de oração, a Escola Sabatina e os funerais podem servir para fins espirituais, mas o que dizer das reuniões da comissão, das reuniões de negócios e da junta escolar? Certamente o Senhor está dirigindo ativamente a Sua obra. Assim sendo, podemos salientar esta questão. Mesmo uma reunião de assuntos comerciais seculares, proporciona oportunidade para que o pastor atento fale do cuidado de Deus em prol da igreja e seus negócios.

Além das reuniões regulares da igre-

ja, podemos promover outros acontecimentos espirituais. Poderíamos criar um serviço de comunhão para casais jovens, promover uma semana de oração especial para os idosos, dar início a grupos de oração, a grupos de estudo da Bíblia, ou grupos de trabalho de várias espécies.

A lista não tem limites, mas o objetivo é incentivar e fortalecer os membros. Membros espiritualmente satisfeitos e em desenvolvimento, são menos vulneráveis às mensagens negativas que avultam.

3. Podemos projetar uma imagem de lealdade para a liderança da igreja.

Existem hoje muitos que estão propagando a deslealdade. Vários grupos conseguem listas de membros da igreja e espalham a doença por meio de suas publicações. E como o câncer, quando a deslealdade invade a congregação, desenvolve-se até destruir a vitalidade da igreja.

Ralph, pastor distrital de uma comunidade agrícola, nutria um ressentimento. Durante os seus dias de experiência no ministério, seu presidente de Associação o transferiu de um distrito para outro contra a sua vontade. Embora o presidente se tenha mudado logo e se aposentasse, Ralph ainda está com raiva. De maneiras sutis, seus ressentimentos vieram à tona na forma de desconfiança na organização e sua liderança.

Infelizmente, alguns da congregação de Ralph estão recebendo seus sinais e emitindo seus sentimentos. Embora Ralph se sinta incomodado com a hostilidade que tem ouvido recentemente, sua falta de confiança na liderança da igreja torna-o hesitante para defendê-la.

Ralph deveria saber que uma palavra de deslealdade do pastor pode neutralizar milhares de palavras positivas. O dano causado a sua igreja não só levará algum tempo para ser reparado, mas também proverá fértil solo aos mensageiros da insatisfação.

Por outro lado, Paulo incentivou a lealdade à liderança da igreja. Ele se recusou a diminuir o trabalho de Apo-

lo (“Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus”, I Cor. 3:6), arrecadou dinheiro para sustentar a igreja (I Cor. 16:1-3) e aconselhou os coríntios a se sujeitarem “a todo aquele que é cooperador e obreiro” (I Cor. 16:16).

Como pastores, temos muitas oportunidades de comunicar a nossas congregações nossa lealdade à liderança da igreja. Entre outras maneiras, podemos fazer isso mencionando alvos de Associações — Colheita 90, programa de desenvolvimento de colégio e assim por diante — em geral do púlpito, elogiando a obra de algum oficial de Associação e convidando o pessoal da Associação para pregar e se hospedarem em nossa residência.

4. Podemos desenvolver tolerância para com a diversidade.

A diversidade — seja cultural, racial, étnica ou teológica — é uma característica da vida. Na verdade, ela está embutida na própria criação, expressa por Deus na existência, e por Ele abençoada.³ Mas suportar discriminação pode ser doloroso. Deixar de olhar as pessoas nos olhos pode afastá-las umas das outras e destruir as atividades de uma evangelização.⁴

Contudo, traumas dessa espécie não precisam ocorrer. E a diversidade tem, também, seus aspectos positivos. Em seu livro *Managing Change in the Church* (Mudança Administrativa na Igreja), Douglas Johnson diz que a diversidade tanto permite o surgimento de idéias que podem produzir novas maneiras de agir, como encorajar o desenvolvimento de líderes bondosos e sensíveis.⁵

Ao comparar a igreja com o corpo humano, Paulo lhe realçou a natureza diversificada. Assim como as partes do corpo são diferentes, também a igreja é composta de membros que possuem dons diferentes. O fato de ser o Espírito Santo quem utiliza esses dons, indica que o próprio Deus ordenou a diversidade na igreja.⁶

E lembremos, a igreja à qual Paulo escreveu, falando sobre a diversidade,

era uma igreja que se achava profundamente dividida pelas suas divergências. Confesso que, em tais circunstâncias, minha própria inclinação é pregar sobre unidade. Mas a concentração sobre unidade pode produzir efeito contrário; em suas tentativas de atender o apelo à unidade, os membros podem evitar a pessoa desafeta. O membro assim indiferente na igreja, tornar-se-á mais vogal a fim de ser ouvido, ou a abandonar completamente. Nenhuma das alternativas é aceitável.

Jeff foi impedido, com risadas, de falar na última vez que procurou expor seu assunto “engraçado” numa reunião de negócios da igreja. Quando a reunião terminou, ninguém atentou para os seus verdadeiros sentimentos. Derrotado e ferido, ele resolveu valer-se de uma nova tática. Tantas vezes quantas permitiram suas finanças, escreveu acusações mordazes e enviou cópias pelo correio a cada membro da igreja, entre os quais os recém-batizados. Assim começou sua própria publicação independente.

Pessoas como Jeff poderiam ser mantidas ativas na igreja se tão-somente as congregações soubessem como reagir à suas singularidades. A maneira que, como pastores lideramos, pode determinar quão receptivas serão nossas congregações às diferenças das pessoas.

Para ajudarmos nossas congregações a aprenderem a ser mais receptivas, podemos:

Comemorar as diferenças. Podemos ajudar nosso povo a ver o impacto positivo que as divergências exercem sobre a vida da congregação, mostrando como alguém usou um único dom ou talento para ajudar algum membro ou para ganhar alguém para a igreja. A celebração desses eventos é importante em qualquer atividade da igreja mas, principalmente, durante o serviço de adoração.

Divergências na pregação. As Escrituras estão cheias de material proveitoso para este tema. Por exemplo, I Coríntios 12 (dons espirituais), Gênesis 1

(criação), Apocalipse 4 (as quatro criaturas viventes e os 24 anciãos — diferenças representadas no trono de Deus), Atos 15:36-41 (discrepância entre Paulo e Barnabé), Mateus 4:18-22 (consertar e lançar as redes — diferenças entre Pedro e João), etc.

Dar o exemplo. Podemos demonstrar, pelo exemplo, a capacidade de incluir pessoas que têm opiniões diferentes. Por exemplo, durante reunião da comissão da igreja, reuniões de negócios e outras reuniões, podemos pedir a opinião de todos os presentes — mesmo daqueles que normalmente não se manifestam. Quando considerarmos cada comentário, agradecermos cada participação, nossos membros logo saberão que suas idéias são importantes. Quando eles tiverem uma visão saudável de suas próprias opiniões, serão mais receptivos às opiniões alheias.

Competições visuais de armações. Talvez um exemplo ilustre melhor o que estou pensando. Alguns anos atrás minha igreja comemorou o dia da bandeira. Incentivamos cada família da igreja a desenhar e fazer uma bandeira que ilustrasse o tema "A Preocupação da Igreja É..." No sábado indicado, cada família trouxe sua bandeira à frente da igreja, desenrolou-a e explicou o seu significado. Quando o culto terminou, toda a congregação estava cercada de bandeiras coloridas. Cada bandeira mostrava criatividade, distinção e se encaixava ao tema. Nós as deixamos hasteadas na igreja por vários sábados como uma lembrança de que algumas diferenças sabáticas foram

reunidas em um acontecimento de culto vivificado.

Lidar com publicações negativas independentes e as pessoas que elas influenciam, continuará certamente a desafiar-nos. Os pastores, contudo, podem estabelecer a diferença, pela maneira como tratam o assunto. Ao invés de permitirmos que a diversidade em nossas igrejas nos imobilize ou nos torne inflexíveis, podemos aprender a considerá-la como normal, saudável e mesmo desejável. Ao estabelecermos em nossas igrejas a tolerância pelas divergências, podemos criar um clima que incentive o crescimento espiritual.

Lembremos, mesmo a frívola igreja de Corinto realizou uma obra admirável para o Senhor.

1. Speed Leas enumerou vinte e sete sintomas que resultam do conflito não solucionado. Entre eles estão "pressão angustiosa sobre o pastor, evidenciada pelo uso crescente do tema da reconciliação em sermões, orações e hinos"; "desesperados chamados ao pastor, tentando manter tudo unido"; e "procura de trabalho pelo pastor". — *Church Fights* (Philadelphia: Westminster Press, 1973), págs. 16 e 17.
2. John Savage vê os votos e donativos como indicações da dedicação de um pastor. Uma desistência, reinvestirá tanto o seu tempo como o seu dinheiro em um novo projeto, que representam sua nova dedicação. Ver *Savage's Skills for Calling and Caring Ministries* (Pittsford, N.Y.: L.E.A.D. Consultants, 1979), pág. 6.
3. Jan G. Johnson, "A Design for Learning and Developing Skills for Handling Interpersonal and Substantive Conflict in the Ardmore, Oklahoma, Seventh-day Adventist Church" (D. Min. dissertação, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 1986), págs. 34-37.
4. Leas, pág. 16.
5. Douglas W. Johnson, *Managing Change in The Church* (Nova Iorque: Friendship Press, 1974), págs. 11-13.
6. Ver I Coríntios 12.

Como atender a famílias que têm filhos deficientes físicos

Mais do que reestruturar o edifício, é a atitude da igreja que deve ser reestruturada, quando falamos da necessidade de atender aos deficientes físicos.

Kate e Mark acabavam de passar pela incrível experiência do nascimento do seu primeiro filho. Ela teve um parto demorado e incômodo. Kate pensava em ter o parto normal, isento de dor, mas, quando este chegou ao fim, ela estava no limite de suas forças físicas e emocionais. Sofrendo e exausta, mas sorridente, voltou-se para o rosto da filha, naquele momento maravilhoso que toda mãe aguarda com impaciência. O que viu, porém, causou-lhe um terrível impacto negativo. Hanna tinha lábio leporino e paladar fendido. Kate ficou desconsolada. Jamais lhe passara pela mente que pudesse ter um bebê que não fosse perfeito.

Nossa filhinha Bethany havia nascido doze horas antes no mesmo hospital. Uma vez que, como profissional, tenho encontrado todos os dias crianças com defeito físico, a idéia de que poderia ter uma deficiente ou imperfeita me havia passado pela mente muitas vezes, não só na forma de pensamentos quanto à maneira como reagiria, mas como me adaptaria a essa situação.

Tão logo soube que Kate estava no mesmo corredor que eu, apressei-me em visitá-la. Ambas havíamos assistido juntas às sessões de preparação para o parto. Tanto uma como a outra amávamos a Deus e éramos boas amigas. A pequena Hanna produziu um relacionamento entre nós: o interesse em explorar o difícil e o aparentemente impossível de entender.

Passamos toda a semana seguinte juntas, no mesmo quarto. Falamos muito sobre Deus, Hanna e da razão da existência da dor, do sofrimento e da deformação.

Deus não deseja que uma criança seja inválida. Ele fez tudo perfeito e gostaria que sua criação permanecesse assim.

Karen Sue Holford
Esposa de pastor e terapeuta profissional

Nos meses seguintes, Kate e Mark enfrentaram muitos altos e baixos. Toda vez que alguém vinha visitar Hanna pela primeira vez, Kate precisava prepará-la e explicar o problema do seu lábio. Atualmente, depois de uma operação corretiva, Hanna brinca como qualquer outra criança de sua idade. Uma região ligeiramente avermelhada é tudo o que lhe resta no lábio superior. Conquanto talvez necessite de terapia da fala, e mesmo outra cirurgia antes de ir para a escola, é bastante normal e bonita.

Kate e Mark estão felizes, porque o defeito físico de Hanna era passível de correção. Muitos outros defeitos de nascimento também o são. Há, porém, muitos problemas que não podem ser eliminados, e que exigem toda uma vida de cuidados e apoio.

Suscetíveis ou não de correção, os defeitos de nascença transformam um momento de alegria em um estado de frustração e tristeza. A mãe, em particular, tem a tendência de sentir-se vulnerável, insegura e revoltada. É possível que experimente um sentimento de culpa e que atribua a si mesma o problema: seu estilo de vida, sua alimentação, ou talvez alguma atividade realizada. E pode atravessar um período de depressão. É muito comum, em tais circunstâncias, questionar a justiça de Deus, seu próprio futuro e a si mesma.

É possível que, como pastor, você enfrente situações semelhantes com muita frequência. Que deveria fazer? Como agir para infundir nessas pessoas o desejo de verdadeira confiança no amoroso cuidado de Deus? É papel da igreja local cuidar dos deficientes físicos?

A função do pastor

Há pelo menos três coisas simples que o pastor pode fazer em seu propósito de ajudar as famílias que experimentam o golpe inesperado, como resultado de um problema de parto:

1. *Ouçá.* Sua presença no lar da família triste é um sinal de solidariedade. Você deve manter-se calmo, não importa quão veementes sejam os senti-

mentos expressos. Na ocasião, é possível que os pais já tenham ouvido a opinião dos especialistas. E talvez lhe façam perguntas que você não possa responder. Pode ser que não necessitem de nenhum conselho especial, a menos que manifestem isso. E não gostariam que você dissesse que aquilo que sentem não está certo. Não precisam de que alguém lhes lembre que não é certo questionar a justiça e o amor de Deus: eles descobrirão isso por si mesmos. Podem necessitar é de muito amor, aceitação, compreensão e do apoio das orações de um pastor e sua congregação cheios de amor e de interesse em seu bem-estar.

Ler alguns textos da Bíblia, que supram esse desejo, e a pressa em dizer algo, pode ser que não surta o efeito desejado. Não é o momento para uma dissertação teológica relacionada com a origem do sofrimento e da dor. Mas se for oportuno, você poderá dizer alguma coisa, de forma prudente, sobre a vida que está cheia de provas. Quer maior prova do que a que foi experimentada por Aquele que disse: "Deus meu, Deus meu! Por que Me desamparaste?" Jesus fez essa pergunta no momento da prova mais difícil de Sua vida. Ela não indica necessariamente falta de fé em Deus; antes expressa e indica uma forte dependência dEle, uma relação que possibilita nossa necessidade de ajuda e a apresentação a Deus de nossos problemas. Não somos convidados a suportar cegamente nossas provas, quando estamos conscientes do fato de que nos encontramos envolvidos em um conflito cósmico. Deus é suficientemente grande para responder a todas as nossas perguntas.

2. *Não atribua a Deus os defeitos físicos.* Deus não deseja que uma criança seja deficiente. Ele fez tudo perfeito e gostaria que Sua criação assim permanecesse. Ele sofre conosco por causa dos nossos problemas e aflições. Jesus dedicou grande parte do Seu ministério ao alívio do sofrimento dos inválidos, fosse de nascimento ou por traumas posteriores sofridos na vida.

Dizer aos pais que uma criança é deficiente porque é a vontade de Deus (e mesmo permitir que se chegue a essa conclusão), é cruel; desonra a Deus.

3. *Crie uma atmosfera de apoio.* Na primeira oportunidade, assim que esteja certo de que pode contar com a aprovação dos pais, você poderá informar à igreja todos os fatos e a situação, com cortesia e tato. Poderia ser usado algo como: "Todos sabemos que Jaime e Sara estavam esperando o nascimento de seu novo bebê. Pois bem, este chegou, e se trata de uma menina muito querida de nome Estela. Não obstante, nem tudo correu bem, pois Estela tem espinha bífida, o que significa que provavelmente nunca possa andar; que seja submetida a uma delicada intervenção cirúrgica e necessita de muito cuidado e atenção especial. Jaime e Sara necessitam do apoio de todos nós. Vocês podem dar ouvindo-os, orando por eles e permitindo que saibam que vocês pensam neles e com eles se preocupam. Precisam de alguém que cuide do cão e da família durante algumas semanas, e apreciariam muito que alguém cortasse a grama. Alguma irmã poderia fazer compota das frutas de seu pomar para que não se perdessem? Eles necessitam de nosso amor, nosso apoio e de nossa profunda compreensão".

Pode ser que a família deseje apoio, dependendo das circunstâncias. O apoio moral e prático é vital. Pode ser que a família enfrente muitas crises ao procurar adaptar-se às situações criadas pelo bebê deficiente. Estudos indicam que quatro, de cada cinco casais que têm uma criança deficiente, separaram-se. Isto mostra quão tensa pode ser a situação para o casal. Os recursos financeiros que requer um tratamento contínuo, e a educação especial, também são uma preocupação familiar. A atenção ao bebê pode envolver demais a família, a ponto de negligenciarem outras necessidades.

É possível que os demais filhos precisem aprender a adaptar-se às circunstâncias. Eles também precisam do

tempo e da atenção dos pais e é possível também que fiquem com ciúme porque o irmão ou a irmã deficiente recebe mais atenção. Essas emoções podem levar tanto ao ressentimento como ao sentimento de culpa, e é possível que as crianças não o expressem por temerem parecer egoístas e aumentarem a tensão e o sofrimento dos pais. Se os recursos econômicos diminuïrem devido ao cuidado dispensado ao deficiente, as outras crianças não poderão satisfazer suas próprias necessidades, mas não expressarão isso por temor.

É possível que, como pastor, você enfrente situações semelhantes com muita freqüência. Como agir para infundir nessas pessoas um vislumbre de verdadeira confiança no amoroso cuidado de Deus?

O papel da igreja

Como igreja, devemos apresentar o melhor plano de ajuda para estas famílias, de modo que possam enfrentar estas circunstâncias difíceis. Com muita freqüência, a igreja está mais disposta a ajudar os que se incapacitam com conhecimento de causa (os que se inutilizam com o consumo de álcool, fumo e drogas) e esquecer os que nasceram com deformidades. Falamos de Jesus como nosso modelo no ministério, mas nosso ministério em favor dos deficientes, seja como indivíduos ou como igreja, está muito longe de ser como o Seu! Como instituição eclesíastica, lutamos por uma educação e iguais oportunidades para todas as crianças à margem de sua capacidade; mas, na prática, é possível que as crianças deficientes sejam discriminadas por nossas escolas.

Há contudo, muitas e variadas formas simples em que a igreja local pode ajudar as famílias que têm filhos deficientes.

1. *Dê conselho.* Talvez você nem sempre possa dar ajuda profissional, mas seja capaz de oferecer dois ouvidos atentos em ocasiões de tensão e necessidade, que podem ser de grande ajuda. Será muito melhor se o conselheiro tiver sido preparado para trabalhar com essas famílias ou tiver experimentado as tensões de tais situações e souber as perguntas que costumam surgir. Provavelmente seu centro de aconselhamento não esteja preparado para responder a todas as perguntas; mas, se for possível começar por aí, sua igreja terá feito muito para suavizar as cargas de tais famílias.

2. *Crie um centro de informação.* Uma pequena biblioteca com publicações informativas e especializadas, que constituam um guia prático no tratamento dos deficientes, será de muito valor. Escolha obras preparadas especialmente para ajudar famílias que tenham um membro deficiente, escritas por inválidos ou por seus familiares. Forme um arquivo com bastante informação sobre temas relacionados com o mundo dos deficientes. Demore-se especialmente na informação relativa ao cuidado, ao treinamento vocacional, à terapia de grupo, escola e acampamento de verão, e assistência econômica, etc. Incentive os membros de sua igreja a se familiarizarem com o centro informativo, de modo que possam ajudar os que necessitam.

3. *Organize grupos de apoio.* Existe um grupo de apoio para famílias que têm crianças inválidas na região onde você mora? Se não houver, organize um agora. Relacione-se com pessoas experientes em trabalhar com esses grupos. Uma sessão regular por mês, num tempo e local apropriados, com um programa e oradores cuidadosamente selecionados, somados a um período adicional de práticas informais, no qual se contem experiências, podem assentar as bases para um bom grupo

de apoio. Anime os membros do grupo a se apoiarem uns aos outros de maneira positiva, de modo que as sessões não sirvam apenas para atender a queixas. Será necessário separar um tempo para isso em circunstâncias difíceis, mas em geral, as sessões devem servir para confirmar o que for positivo, e planejar-se para o futuro.

Como instituição eclesiástica lutamos por uma educação e iguais oportunidades para todas as crianças à margem de sua capacidade; mas, na prática, é possível que as crianças deficientes sejam discriminadas por nossas escolas.

4. *Organize grupos recreativos.* A igreja pode organizar atividades recreativas ou um jardim de infância para os que têm habilidades diversas, tanto para deficientes como para os que não o são. Isso ajuda as crianças a se aceitarem mutuamente e a aprenderem a desenvolver suas habilidades. Também proporciona um marco social às crianças deficientes físicas em idade pré-escolar que, em geral, estão isoladas. Para começar, os pais podem acompanhar os filhos até que os organizadores os conheçam bem, assim como às suas necessidades e capacidades especiais.

O grupo não precisa reunir-se mais de uma vez por semana, e a sessão deveria ser dirigida por alguém que tenha preparo em medicina ou em educação especial. Se conseguir obter a ajuda de um terapeuta profissional que o assessorie na aquisição do equipamento, organização das brincadeiras e

atividades, pode estar certo de que o começo é bom. As escolas e igrejas locais poderiam oferecer-lhe a ajuda de voluntários, equipamento e entretenimentos.

5. *Envolva a escola no ministério dos deficientes.* De conformidade com sua filosofia e planos, sua igreja local pensa nas crianças deficientes? Pode você contribuir para financiar o acondicionamento necessário do edifício e do equipamento especial requerido para que essas crianças possam matricular-se e receber o cuidado e a atenção que merecem? Há pais não adventistas em sua área, que gostariam de enviar seus filhos deficientes a sua escola, se possível? Pode fazer provisão de professores especialmente preparados para suprir as necessidades dessas crianças, e também professores assistentes para garantir o cuidado individual?

Um terapeuta profissional poderia assessorar tecnicamente nestes aspectos. E o que dizer de sua escola sabatina, desbravadores e outras atividades da igreja? Estão abertas e são acessíveis aos inválidos?

6. *Faça um orçamento para ajudar as crianças deficientes.* Sua igreja pode financiar algum projeto para as crianças incapacitadas e suas famílias? Tem algum fundo que poderia utilizar para comprar parte de algum equipamento caro, ou para ajudar as crianças a irem ao acampamento em algum fim-de-semana sem seus pais? Permita que o cuidado das crianças deficientes faça parte do orçamento de sua igreja.

O compromisso cristão pede com urgência que eliminemos o preconceito...

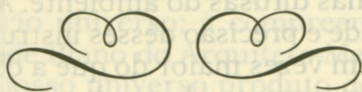
7. *Envolva toda a igreja.* Está sua igreja preparada para lidar com uma pessoa deficiente? Existem barreiras físicas no edifício, ou preconceitos, temor do desconhecido ou sentimentos de insuficiência entre os membros, que possam induzir uma pessoa inválida a sentir-se incomodada no meio dela? Poderia você adaptar os banheiros de modo a oferecerem fácil acesso a uma cadeira de rodas? Poderia colocar barras apropriadas e chaves especiais a uma altura que a pessoa deficiente possa usá-las sem sentir-se envergonhada? Um terapeuta profissional poderia assessorar nesses aspectos. E quanto a sua Escola Sabatina, Desbravadores e outras atividades da igreja? Estão abertas e acessíveis aos deficientes?

Mais que o aspecto físico, é a atitude das pessoas que precisa ser "reestruturada" a fim de que se possa exercer um ministério eficaz em favor dos deficientes físicos. Uma atividade útil para ajudar os membros a entenderem um pouco como se sente um deficiente, é organizar uma sessão de esclarecimento. Peça a cada pessoa que faça um desenho de si mesma e o entregue a outra, que deverá indicar algum defeito da pessoa desenhada. Por exemplo, uma mancha nos olhos poderia indicar cegueira. Em seguida, devolvem-se os desenhos e todos fazem uma lista das atividades que normalmente gostam de desempenhar, mas que seria impossível, ou muito difícil fazerem, se tivessem essa espécie de defeito. Poderiam também enumerar as possibilidades de realizá-las, e mencionar outras atividades nas quais se interessariam, caso tivessem tal defeito.

Peça aos participantes que reflitam seriamente sobre a forma de reagirem

se tivessem esse defeito no momento. Poderia pedir-lhes também que desempenhem o papel de pais que têm filhos deficientes, e enumerem seus sentimentos, reações, necessidades e expectativas. O grupo pode considerar também a forma em que Jesus tratou os deficientes, e assim ensinar métodos altamente positivos de fortalecer o ministério da igreja a seu favor.

O compromisso cristão exige urgentemente que eliminemos de nosso coração o preconceito contra os deficientes. Precisamos abrir nossa vida e nossas igrejas para aceitarem com maior disposição os deficientes, de maneira que possamos com eles partilhar o amor de Jesus e Sua louvável preocupação com eles quando aqui esteve.



O Decálogo do Ministro

1

Não terás outras propriedades que não as de Deus em teu ministério.

2

Não farás para ti imagem de falsos motivos que te façam cair no egocentrismo.

3

Lembra-te do dia de repouso para guardá-lo bem planejado e cheio de espiritualidade. Seis dias trabalham os santos e fazem toda a sua obra, mas o sétimo dia é o dia de apresentar sermões preparados com muita oração e mensagens cheias do Espírito Santo. O pregador não deveria chegar ao sábado com alimento espiritual insuficiente; nem tu, nem o presidente da Associação, nem um departamental, nem qualquer outra pessoa que utilize teu púlpito, porque durante seis dias os santos foram cirandados, mas no sétimo dia devem ser alimentados.

4

Não matarás teus irmãos obreiros com tua língua nem tuas murmurações. Não matarás os membros com tua indiferença nem com muitos "outros negócios", quando eles têm tantas necessidades desatendidas.

5

Honra a teu pai e a tua mãe e a qualquer que te haja assistido ao longo do caminho, porque teus dias não serão alongados sobre a Terra se não te lembrares dos que te ajudaram em tua peregrinação na Terra, e lhes agradeceres.

6

Não cometerás adultério.

7

Não furturás teus colegas de ministério, pregando seus sermões palavra por palavra.

8

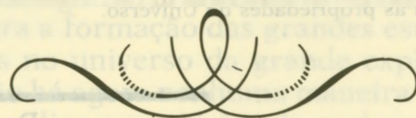
Não roubarás o tempo de tua esposa nem de tua família. Não furturás o valioso tempo de teu ministério nem do campo que Deus te deu.

9

Não levantarás falso testemunho contra a Associação em assunto de batismos e alvos.

10

Não cobiçarás nenhuma coisa nem nenhuma pessoa.



Teoria da Grande Explosão: Em Fase Terminal

Quando o dia 18 de novembro de 1989 despontou na costa oeste dos Estados Unidos, o relógio de seqüência de lançamento de um foguete Delta com uma carga destinada a ajudar a responder questões teológicas, bem como científicas, tiquetaqueou na direção do zero. "Todos os sistemas funcionam", anunciou o controle de lançamento. Os poderosos engenhos roncaram com vida, e o foguete, deixando um rasto de fumaça e fogo, acelerou na direção do Pólo Sul. Exultantes, os cientistas deram um suspiro de alívio quando a preciosa carga tomou posição para começar a primeira fase do mais extenso estudo da origem do Universo* já conhecido.

A carga que o foguete colocou no espaço é chamada de Cosmic Background Explorer (COBE) — Exploradora de Antecedentes Cósmicos. A COBE

leva três instrumentos extremamente sensíveis: O Radiômetro Diferencial de Microondas, o Espectômetro de Infravermelhas Puras, longas, e um aparelho para experiência com ondas infravermelhas difusas do ambiente. A sensibilidade e precisão desses instrumentos é cem vezes maior do que a obtida com instrumentos baseados no solo.

Além da COBE, a NASA lançou agora o Telescópio Espacial Hubble, e lançará logo o Telescópio Raios Gama e os Telescópios Raios X e Ultravioleta. Além da missão cosmológica ao espaço, está em andamento a construção de um supercondutor (um acelerador). O principal propósito desses projetos é atacar questões teológicas relacionadas com a origem do Universo no qual vivemos. Nos próximos dez anos, o governo dos Estados Unidos gastará mais de dez bilhões de dólares em apoio à ciência, na tentativa de encontrar a resposta para o enigma da Criação.

Por que está o Governo dos Estados Unidos gastando uma tão grande soma de dinheiro numa investigação que parece ter tanto que ver com a teologia

*Do começo ao fim deste artigo, o Universo (escrito com letra maiúscula), refere-se ao conjunto das galáxias, enquanto universo se refere ao espaço entre as galáxias. Ao estudarem o universo, os cosmólogos inferem as propriedades do Universo.

Daniel Lazich

Engenheiro aeroespacial, Daniel Lazich tem estudado a relação entre a física e a teologia há muitos anos.

Ele é o principal engenheiro do projeto de armamentos de energia cinética o Comando de Defesa Estratégica dos Estados Unidos.

como com a ciência? Os recentes avanços da cosmologia das quantum e das elevadas energias físicas, têm lançado sérias dúvidas sobre a validade das teorias científicas da origem do universo que não admite nenhuma necessidade de um criador. Resumindo os objetivos básicos da pesquisa em físicos, o Dr. Robert K. Adair, diretor associado do Laboratório Nacional de Brookhaven, declara: "Diríamos que devemos estudar o separado e o contínuo, e devemos considerar as variáveis e invariáveis, ou as mudanças e conservações. A consideração desses grupos de antônimos, leva-nos ao estudo do caráter das partículas elementares e dos campos de força fundamentais, e à análise do espaço e do tempo, da estrutura do nosso universo, e da evolução e origem do próprio universo; à compreensão do Grande Plano do Arquiteto-Mestre."

É nosso universo produto de plano inteligente ou de um acidente? Originou-se de matéria preexistente, ou veio à existência a partir do nada, absolutamente? Como poderia o universo observado originar-se do nada e ser da maneira como o vemos hoje? Essas perguntas têm tido a mais alta prioridade na pesquisa científica, e será o principal objeto do estudo e debate pelo resto deste século, e por mais tempo ainda. Os cientistas estão convencidos de que os maiores avanços do nosso conhecimento com respeito ao Universo no qual vivemos não podem ser obtidos sem que uma séria consideração das questões sugeridas até agora tenham sido entregue ao campo da teologia.

O que mais preocupa os cientistas é o fato de que os avanços recentes, feitos na cosmologia das quantum, mostram que as suposições sobre que se baseia a mais acariciada teoria a respeito da origem do Universo — O *big bang* — (teoria da grande explosão), está errada. A teoria da grande explosão diz que o universo era matéria uniforme e homogênea no começo, e prediz que ele seria ainda mais homogêneo hoje. Mas os resultados de estudos

mais recentes contradizem frontalmente essas suposições. Nosso universo não é homogêneo em grande escala, e daí não poder ter-se originado de uma grande explosão que deu lugar a um universo uniforme e homogêneo. Confusos e desalentados, os cientistas estão sem saber o que fazer com o surgimento de montanhas de evidências em favor de um processo inteligente por trás da origem e existência do Universo.

Os teóricos esperavam que a COBE fornecesse a informação necessária ao resgate da teoria da grande explosão. O espectômetro de ondas infravermelhas puras, longas, a bordo da COBE, destina-se a determinar o espectro da radiação ambiental — os restos hipotéticos da grande explosão. Essa radiação ambiental é o banho universal de radiação por rádio que os teóricos consideram o tênue vislumbre da grande explosão, observável a cerca de três graus acima de zero absoluto. A fim de salvar a teoria da grande explosão, a COBE terá que descobrir que esta radiação desprendida é grumosa e não lisa. A grumosidade explicaria por que certas áreas do universo ficaram, comparativamente, densamente povoadas de matéria, enquanto outras áreas são vazias.

Mas para aqueles que desejavam resgatar a teoria da grande explosão, a COBE trouxe dor de cabeça, não a cura. Os dados iniciais da COBE revelam que o universo antigo era muito uniforme — a radiação ambiental é a mesma em todas as direções e não apresenta nenhum sinal de turbulência no universo antigo. Seria necessário turbulência para a formação das grandes estruturas no universo da grande explosão. Não há agora nenhuma maneira de reconciliar as previsões de qualquer versão da teoria da grande explosão com a realidade do universo observado. Não há nenhuma maneira de se conseguir isso a partir de uma grande explosão perfeitamente uniforme para o universo grumoso que observamos hoje. Os dados atuais tornam mais lógico

crer em um universo criado pelo decreto de um projetista inteligente, do que em um universo que se criou e organizou a si mesmo.

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, os estudos mais recentes das grandes estruturas do universo, revelam que a matéria é ainda menos uniformemente distribuída por todo o universo do que foi postulado originalmente. São encontradas galáxias em grandes grupos, entre as quais há grandes vazios. O universo parece mais encrespado do que se esperava anteriormente. Os cientistas estão chocados ao perceberem que a mais amplamente aceita teoria sobre a origem do Universo exigirá uma revisão maior, ou poderá necessitar ser completamente abandonada. Os dados da COBE estão provando que a grande explosão é um grande choramingas de uma história.

Quando a Sociedade Astronômica Americana (SAA) anunciou que sua reunião anual, a ser realizada em janeiro de 1990 em Arlinton, Virgínia, seria dedicada à apresentação dos resultados iniciais da observação da COBE, não tinha idéia de que aquela seria uma reunião histórica. Tão intenso foi o interesse mundial nos resultados da COBE que a reunião se tornou o maior ajuntamento de cientistas da história da SAA. A maioria dos cosmólogos e teóricos proeminentes compareceu, na esperança de que a COBE forneceria ao menos alguns dados que pudessem ajudá-los a encontrar uma solução para os problemas que atormentam a teoria da grande explosão. Quando, porém, ouviram relato após relato, a aura de grande expectativa se tornou na sombria constatação de que aquele ajuntamento histórico de cientistas poderia ser lembrado como o serviço fúnebre da amada grande explosão.

Os problemas da grande explosão

Qual o problema da grande

explosão? Um pequeno cenário pode ser útil aqui. A descoberta de Edwin P. Hubble de que o universo está em expansão, estimulou o desenvolvimento da primeira teoria compreensível a respeito da origem do Universo. Os cientistas raciocinaram que se o universo está em expansão, então em algum ponto do passado devia ter sido muito pequeno, e assim surgiu a teoria da grande explosão. Aplicando a constante expansão em uma espécie de processo de engenharia reversa, os cientistas concluíram que o universo se originou de uma esfera de matéria extremamente densa e quente. De acordo com essa teoria, a explosão da matéria extremamente densa e quente encheu o espaço de uma sopa homogênea de partículas uniformemente distribuídas, das quais finalmente, por influência da gravidade, se formaram as galáxias, as estrelas e os planetas.

Para que seja aceita, uma teoria científica deve fazer um prognóstico verificável. A grande explosão fez duas previsões que podem ser verificadas pela observação. Uma previsão é que a explosão de matéria original deixaria atrás um eco na forma de microonda e radiação infravermelha na atmosfera, de cerca de três graus acima de zero absoluto, e que essa radiação teria a mesma intensidade em todas as direções. A outra previsão é que as galáxias que resultaram da sopa quente das partículas seriam uniformemente distribuídas por todas as partes do universo.

A radiação ambiental prevista foi descoberta em 1965 por dois cientistas que trabalhavam nos Laboratórios Bell. Essa descoberta foi saudada em todo o mundo como uma confirmação incontestável da teoria da grande explosão. Os cosmólogos estavam convencidos de que haviam encontrado a resposta definitiva para o enigma da Criação. Mas os excitados e orgulhosos cientistas não tinham nenhuma idéia de que toda a evidência que eles consideravam como confirmação da teoria da grande explosão, deveria provar

mais tarde ser grandemente improvável que a teoria da grande explosão seja correta.

Os problemas da grande explosão começaram com o advento dos supercomputadores que forneceram aos cientistas meios pelos quais formular matematicamente a teoria. A fórmula matemática da grande explosão, supunha-se, deveria mostrar por simulação, quão grande camada as estruturas envolviam a partir de uma bola de fogo inicial superdensa. Mas, para espanto dos cientistas, a fórmula mostrou que se nosso universo começou como diz a teoria da grande explosão, as grandes estruturas que observamos violariam as leis físicas que governam o universo.

Além disso, a fórmula matemática mostrou que o universo da grande explosão deveria ter aproximadamente 7,6 bilhões de anos, e que este tempo não é suficiente para que a gravidade sozinha construa o universo que vemos hoje. A fórmula mostrou também que, se o universo antigo fosse plano, com a matéria uniformemente distribuída, a gravidade não poderia ter formado as grandes estruturas de escamas do universo. Parece que alguma outra força, desconhecida para os cientistas, deve ter sido responsável pelo assentamento das condições iniciais, para a criação do Universo.

Para tornar piores as coisas para a teoria da grande explosão, em 1981 os astrônomos da Universidade de Harvard descobriram uma surpreendente bolha dupla em um "buraco no espaço" de 100 milhões de anos-luz de largura. Essa descoberta, contrária à previsão da teoria da grande explosão, mostrou que na vasta camada a matéria não está uniformemente distribuída no universo.

Em desespero, os cosmólogos postularam que teria sido significativa a grumosidade presente no antigo universo. O encrespamento no universo inicial teria causado a concentração localizada de partículas, capacitando assim a força da gravidade a construir as ga-

laxias. A grumosidade, caso existisse, deveria ter deixado um sinal na forma de cúspides na radiação ambiental. Para resolver o dilema, os cientistas procederam a um amplo estudo das estruturas da grande camada do universo. Além disso, foi lançado o satélite COBE para pesquisar as saliências na radiação ambiental.

A primeira indicação convincente de que algo está seriamente errado com a suposição sobre que se baseia a teoria da grande explosão, veio em 1989, quando várias equipes de astrônomos relataram a descoberta de estruturas surpreendentemente grandes, entre as quais havia enormes vazios. A única que permanece em contraste com o "buraco no espaço" é a "grande parede", descoberta por astronautas do Centro Howard-Smithsoniano para Astrofísicos. Estima-se que a parede tenha 500 milhões de anos-luz de uma à outra extremidade de 15 milhões de anos-luz de espessura. Essas estruturas — as concentrações de galáxias — são muito grandes para ter sido formadas por pedaços gravitacionais saídos de partículas que a grande explosão tenha distribuído uniformemente por todo o universo.

COBE — a última esperança para a grande explosão

O último raio de esperança para a mortalmente ferida teoria da grande explosão estava nos dados obtidos pela COBE. Mas os cientistas que trabalham com os instrumentos da COBE em vários comprimentos de onda, de microonda e radiação infravermelha, relataram que não há nenhum sinal de grumosidade no universo antigo que possa ter dado início à formação de grandes estruturas. Tão desorientados e confusos ficaram os cientistas presentes à reunião de janeiro de 1990, que George F. Smoot, que liderava a equipe na Universidade da Califór-

nia em Berkley, a qual está mapeando a uniformidade das radiações, disse recentemente que os cientistas poderiam ter que recorrer aos dentes das fadas para ajudá-los a explicar o que eles observaram.²

John C. Mather, do Centro de Vôo Espacial Goddard da NASA em Greenbelt, Maryland, expressou o mistério da seguinte maneira: "Estou completamente aturdido com a forma pela qual a estrutura do dia presente (do universo) veio a existir sem ter deixado algum vestígio no nível de sensibilidade que sabemos que temos com nossos aparelhos. Deveria ter havido alguma espécie de energia libertada (após a grande explosão). Mas não há aqui coisa alguma."

Referindo-se à reunião de janeiro de 1990, Jay Mallin conclui: "A diferença entre os ecos uniformes e as estruturas do dia presente é o que perturba os astrônomos. A existência do universo não é longa o suficiente para que a gravidade apenas seja responsável pela matéria que se reuniu procedente de um universo uniformemente misto — algum outro acontecimento ou processo maior deve ser responsável."⁴

Exatamente aquilo que constitui o outro processo, escapa à investigação científica. Alguns cientistas estão sugerindo relutantemente que uma força externa ao nosso Universo é responsável pela seleção das condições ini-

ciais. Alguns se têm disposto até a ligar o nome de Deus a essa força.

Os resultados das últimas pesquisas científicas trouxeram morte às teorias clássicas a respeito do universo que dizem não necessitar do Criador. Muitos cosmólogos estão convencidos agora de que vivemos num Universo tão bem organizado que veio à existência num instante — no momento da Criação. Por causa desse fato, os cosmólogos estão começando a compreender e mesmo a admitir (embora com relutância), que a pesquisa cosmológica avançou a tal ponto que é preciso considerar a Criação como vinda do nada, absolutamente. Isto se tem tornado o principal problema para a nova cosmologia, uma possibilidade real a ser ponderada pelos cientistas nos anos vindouros.

Os cientistas podem não estar ainda totalmente prontos para admitir abertamente e ensinar a criação *ex nihilo*, mas crescem as evidências em favor de um plano inteligente. Se pudéssemos ver nosso Universo de fora, certamente veríamos impresso em sua superfície: "FEITO POR DEUS"!

1. Robert K. Adair, *The Great Design* (Nova Iorque; Oxford University Press), pág. 13.
2. Jay Mallin, "Satellite's Smooth Discoveries Baffle Big Bang Scientists", *The Washington Times*, 19 de janeiro de 1990, pág. B1.
3. *Science News*, vol. 137, pág. 36, material incluído no original.
4. Mallin, pág. B1.

O Uso de Notas na Pregação

Em que deve o pregador basear-se para pregar? Em manuscrito? Notas? Em nada? Ao prepararmos e apresentarmos o sermão, normalmente pensamos em quatro opções: 1. *Improviso* — nenhum preparo específico; 2. *Extemporâneo* — idéias preparadas; 3. *Manuscrito* — pensamentos e palavras preparados; 4. *Memorização* — pensamentos e palavras preparados e decorados. Uma vez que os números um e quatro são extremos e raramente usados, concentrar-nos-emos nos outros dois métodos. Compararemos as vantagens e as desvantagens da pregação improvisada *versus* a manuscrita, em três áreas:

Preparo

Na maioria dos casos, a pregação manuscrita força o pregador a fazer um preparo mais completo e preciso. Aqueles que escreveram seus sermões antecipadamente, podem analisá-los com mais exatidão antes de usá-los.

Uma vez que os pregadores extemporâneos não selecionam suas palavras com antecedência — selecionando apenas as idéias — eles poupam grande quantidade de tempo na preparação do sermão. As duas ou três horas que economizam, deixando de escrever um manuscrito, eles podem gastar em pesqui-

sa adicional para o sermão ou no atendimento de outros deveres pastorais.

Apresentação

Num sermão pregado com base em um manuscrito, ouvi um pregador descrever a pitonisa de En-Dor como olhando “como um saco de aninhagem molhado, pendido sobre um poste de cerca. Um dos dentes da frente saliente como um sentinela solitário, que guarda a entrada do inferno”. Só o fraseado preparado com antecedência pode tornar isto descritivo e preciso.

A pregação extemporânea, contudo, em geral é pregação mais relacional do que manuscrita. Henry Ward Beecher dizia que um sermão escrito estende u'a mão revestida de luva para as pessoas; um sermão não escrito estende uma palma de mão incandescente. Uma luva pode ser mais perfeita do que a mão cicatrizada e calosa, mas não é tão calorosa nem tão sensível.

Ler os sermões limita o contato dos olhos do pregador com o auditório. Como afirmava Phillips Brooks, a pregação é a verdade através da personalidade. Ora, os olhos transmitem a personalidade. Assim, qualquer coisa que interfira com o contato dos olhos do pregador, impede que a personalidade seja bem-sucedida, e interfere com a pregação.

Os pregadores de manuscrito, que são leitores recalitrantes, podem compensar alguns dos seus métodos de fraquezas herdadas de alocação, conhecendo o material tão bem que não precisam ler palavra por palavra. Conserver a voz e os gestos da conversação também ajuda.

Preservação

Na categoria da preservação, a pregação manuscrita leva vantagem. Preparar manuscritos para pregação ensina a pessoa a escrever. E torna os sermões da pessoa prontamente disponíveis para publicação. Muito de nossa literatura cristã provém de eruditos que escrevem para provar teorias de livros. Muito pouco advém de pastores que pregam. Necessitamos de mais assuntos escritos por pastores, que ajudem a aplicar a teoria à vida das pessoas.

Tentativa ou erro

A maioria dos homiléticos concorda em que a maneira ideal de pregar um sermão é fazer primeiro um manuscrito, e depois preparar um esboço — quer o pregador use esse esboço no púlpito ou o decore. As realidades da lista de ocupações do pastor, contudo, impedem a maioria de dedicar muito tempo à preparação do sermão.

Muitos pregadores levam um manuscrito ao púlpito, mas lêem apenas partes dele, pregando o restante dele de improviso. Por exemplo, as ilustrações e os apelos não se prestam bem para

a elocução manuscrita e provavelmente devam ser pregados de improviso.

Fiquei impressionado de modo especial com o método de pregação de um pregador de Sacramento. Ele seguiu fielmente o seu manuscrito até o momento do apelo. Aí, pondo de lado o manuscrito, entrelaçou as mãos, inclinou-se sobre o púlpito e falou a sua congregação. O manuscrito havia estabelecido apenas a base para o que aconteceu no apelo. Na verdade, a leitura da maior parte do seu sermão realçou a familiaridade do seu apelo.

Nenhum método isolado serve para todos. E, obviamente, tanto a pregação manuscrita como a improvisada possuem vantagens e desvantagens significativas. O problema é que os pregadores têm a tendência de escolher o método errado. Ler bem um sermão requer que o pregador seja animado e atraente. Mas é o ministro preciso e erudito que mais provavelmente escolherá este método.

A alocação improvisada, por outro lado, requer boa memória e cuidadosa organização que mantenha o sermão em andamento e num rumo certo. Mas é o pregador de ação, com menos tendência para erudição, que geralmente escolhe este tipo de alocação.

Se o melhor gato é aquele que captura os maiores ratos, a melhor maneira de um gato caçar é aquela que captura os maiores ratos — não a maneira que parece mais confortável para o gato. Descubra o que fica melhor para você. Muitos de nós pregamos da maneira como o fazemos porque fomos levados a essa técnica e nos sentimos bem com ela; mais do que pelo fato de ser ela o que se comunica mais eficazmente com os nossos ouvintes.

Se você ainda não experimentou, se ficou satisfeito com aquilo que é confortável ou familiar, você pode estar usando o método errado. É uma questão de tentativa *ou* erro.